

Afromarxismo

Fragmentos de uma teoria literária prática

Conselho Editorial

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Lorangeira – UFES

André Lemos – UFBA

André Parente – UFRJ

Carla Rodrigues – UFRJ

Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ

Cristiane Finger – PUCRS

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Erick Felinto – UERJ

Francisco Rüdiger – UFRGS

Giovana Scareli – UFSJ

Jaqueline Moll – UFRGS

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Luiz Mauricio Azevedo – USP

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Maura Penna – UFPB

Micael Herschmann – UFRJ

Michel Maffesoli – Paris V

Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Renato Janine Ribeiro – USP

Rose de Melo Rocha – ESPM

Simone Mainieri Paulon – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

Luiz Mauricio Azevedo

Afromarxismo

Fragmentos de uma teoria literária prática



Editora Sulina

Copyright © Luiz Mauricio Azevedo, 2022

Capa: Humberto Nunes

Edição Gráfica: Tiba Tiburski

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

A994a Azevedo, Luiz Mauricio

Afromarxismo: fragmentos de uma teoria literária prática
/ Luiz Mauricio Azevedo. – Porto Alegre : Sulina, 2022.
128 p. il.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-089-8

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Brasileira – História e
Crítica. 3. Racismo – Literatura Brasileira. I. Título.

CDU: 821.134.3(81).09

CDD: B869.909

Todos os direitos desta edição são reservados para EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2022

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Durante os luminosos dias que se
seguiram à promulgação da Lei Áurea,
Tomaz Lemos, o irmão de meu tetravô,
embriagado de intensa alegria,
saiu às ruas da cidade de Rio Grande
para celebrar o fim da escravidão.*

*Quase seis décadas mais tarde, em seu leito de morte,
ele fez um diagnóstico preciso sobre a distância
entre os direitos previstos na legislação federal e os
direitos efetivamente gozados pela população negra:*

***“Depois da festa, não tínhamos para onde ir.
Foi tudo muito triste.”***

Este livro é dedicado a ele.

Sumário

Antes de virar a página	9
Afromarxismo: por uma razão feita de sal	13
Quantos comunistas negros são necessários para trocar a lâmpada queimada do marxismo branco? . . .	33
Uma invisibilidade performática: pedagogia estética e materialismo literário em bell hooks	41
A hipótese do rato: valor e medo na literatura afro-brasileira contemporânea	59
Antes da teoria: a agonia da experiência crítica	73
Remédio amargo	83
Arquétipos da emancipação	87
O sal na Terra	91
Alice no país da meritocracia	95
Antídoto e placebo em Yara Nakahanda Monteiro . . .	99
Um corpo vazio para o verão	107
As coisas que aprendi nos discos	111
As lições sem giz	115
A vingança de Tia Nastácia	117
Referências	123
Índice remissivo	126

Antes de virar a página

Este livro é, em certa medida, um desdobramento de *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra*, publicado por mim em 2021. Naquela oportunidade, sob o calor dos estilhaços ideológicos do *Black Lives Matter*, me dediquei inteiramente ao tecido literário, mas a recepção da obra acabou me convencendo de que havia ainda algo por dizer, algo que ali soaria fora do lugar, mas que em outro trabalho, cujo objetivo fosse a ciência social, seria muito válido. Aquilo que em Teoria Literária atrapalha a apreciação dos objetos estéticos, em sociologia os engrandece. Infelizmente, para mim, mesmo quando mudamos a inclinação de nosso olhar e passamos a observar o que ainda não havia sido contemplado, não conseguimos, como pesquisadores e pesquisadoras, apagar da retina a marca daquilo que costumávamos ver. Assim, *Afromarxismo: fragmentos de uma teoria prática* ainda se subjugava à minha voz literária e aos rastros da minha consciência étnica.

Desde 1997 milito pelas causas sociais. Comecei no PT e, desde 2018, sou filiado ao PSOL. Imagino que isso dê conta das questões mais óbvias de afinidade ideológica e apague qualquer ilusão de neutralidade quanto ao que vou escrever. Presumo que isso adicione novas ilusões sobre o que proponho aqui. Cada vez que termino um livro – e com este não foi diferente – tenho a

sensação de que logo terei que escrever outro sobre o mesmo tema. Quanto mais se corta a grama, mais grama deverá ser cortada, porque o objetivo da vida não é eliminar as adversidades, mas passar o tempo inteiro lutando contra elas, suspeito.

Em *Estética e raça...* procurei dar conta do fenômeno literário e fiz da teoria uma ferramenta para isso. Agora pretendo realizar o caminho inverso. Pretendo fazer brotar do exercício prático da crítica literária um marxismo negro brasileiro que dê conta daquilo que nós, brancos, negras, brancas e negros, temos precisado: uma renovação esperançosa de nossa resistência histórica. Espero produzir um conhecimento que seja capaz de responder a uma questão que tem dominado minha cabeça durante quatro décadas: o que fazer para evitar que a fantasia da supremacia branca me convença de que o único problema do mundo em que vivemos é sermos coloridos?

Para cumprir minha promessa, antes um esclarecimento de caráter epistemológico: a realidade objetiva das sociedades capitalistas atuais obriga que eu respeite os processos de apropriação de termos que não representam o que dizem, mas que nos levam, por imperativo comunicativo, a chamá-las do jeito que aparecem para as pessoas e não do jeito que são. Assim, o sufixo *afro* presente no título se refere não a supostas origens das minhas reflexões, mas às origens presumidas de uma pessoa negra no Brasil.

Não é novidade para ninguém o fato de o capitalismo atual não ser o mesmo que aquele descrito por Karl Marx em 1867, época do lançamento de *O capital: crítica da economia política*. Tampouco não se constitui notícia valiosa já haver um novo conjunto de contribuições intelecto-práticas do materialismo histórico, que, tendo se des-

prendido do núcleo genético que lhe deu origem, parece hoje perambular como zumbi, em busca de um sentido social maior. As contínuas transformações sociais (que foram conquistas das lutas dos trabalhadores e das trabalhadoras, é bom que se diga) moldaram o sistema econômico de tal modo que hoje o que tomamos como capitalismo por vezes difere daquilo que aprendemos como sendo capitalismo. As reflexões que trago não são, portanto, frescas. A operação aqui é muito mais uma tentativa de ajustar as partes fundamentais da tradição marxista às necessidades urgentes do olhar negro contemporâneo do que propriamente uma revolução conceitual. Nas últimas décadas muitas figuras se impuseram, com grande êxito, tal tarefa: Cedric Robinson, Frantz Fanon, Lelia Gonzalez, W.E.B Dubois, Cornel West, Clóvis Moura, Angela Davis, bell hooks... Uno-me a esse grupo em ânimo, esperando, evidentemente, que meu tamanho diminuto não impeça o cumprimento da missão.

Nada do que digo aqui poderá, contudo, ser aplicado a outro país, ou mesmo ao Brasil, em outro momento histórico. O que digo tem validade limitada ao agora. E se o depois sustar a relevância do que defendo aqui, por conta da força das marés históricas, tanto melhor.